

# DESMONTAGEM DE UMA AGRESSÃO

"Operação Estilhaço" estilhaçou propaganda racista



Três aspectos bem evidentes da agressão racista à zona residencial e industrial da Matola. Matas civis e destruição econômica.

As 7.21 horas de 23 de Maio, 14 aviões da Força aérea do regime racista sul-africano, obo «Impalpa» e seis «Mirages» iniciaram um ataque criminoso contra a Matola.

As 7.40 do mesmo dia, o general Magnus Malan, Ministro da Defesa sul-africano, anunciava os resultados daquilo a que os militares racistas chamaram «Operação Skerwe (estilhaço)».

Estes dois factos documentam duas operações diversas.

A primeira foi mais um ataque ao nosso país. A segunda foi uma operação de propaganda que visava principalmente a opinião pública sul-africana.

Como iremos mostrar, não há nenhuma semelhança entre aquilo que a aviação racista fez durante o ataque e aquilo que a propaganda de Pretória disse a aviação racista fez.

Iremos começar este nosso trabalho de desmontagem da agressão sul-africana, precisamente pelo aspecto militar, aquele em que o regime do

«apartheid» se vangloriou de ter tido um sucesso total. Poucos minutos depois do ataque, precisamente às 7.40 horas da manhã do dia 23 de Maio, o

Ministro da Defesa sul-africano Magnus Malan fez uma declaração à informação anunciando que «dois centros logísticos do ANC, um campo de treino militar, um posto de comando bem como um campo de trânsito para guerrilheiros que se infiltram na África do Sul» tinham sido destruídos na Matola. Magnus Malan reivindicou também nessa declaração que o raio de ar de «neutralizou uma base de mísseis SAM-5 moçambicana que protegia as instalações do ANC».

Se bem que o Ministro da Defesa racista não tenha nessa sua primeira declaração falado de número de mortos havido, notícias posteriores difundidas nesse mesmo dia pelas autoridades militares do regime anunciaram a morte de cerca de 60 pessoas entre as quais guerrilheiros do ANC, militares das Forças Armadas de Moçambique e «alguns civis que viviam nas imediações dessas bases».

Alguns correspondentes de jornais e agências de informa-

ção estrangeiras que se encontravam em Maputo, nomeadamente Joe Hanlon da BBC e a jornalista portuguesa da «NP», foram os primeiros homens da informação a chegar à Matola aos locais do bombardeamento, mesmo antes das entidades oficiais moçambicanas da capital. Estes dois jornalistas, em declarações à informação moçambicana e nos seus próprios despachos noticiosos para o estrangeiro, referiram-se a vítimas civis moçambicanas entre mortos e feridos (na altura 5 mortos e 40 feridos) assim como uma fábrica, casas residenciais de civis moçambicanos destruídas em bairros residenciais da Matola. Eles afirmaram não ter visto qualquer base do ANC ou campo de treino nas zonas atingidas assim como não descobriram nenhuma bateria de mísseis nos locais visados.

MILITARES RACISTAS INSISTEM NO «SUCESSO»

Mesmo quando a verdade dos factos começava, a pouco a pouco, em todo o mundo a contrapor-se às primeiras notícias veiculadas a partir de Johannesburg e Pretória sobre a agressão e as condenações do ataque se avalunavam em todos os cantos do mundo, mesmo em alguns países que não escondem o seu apoio a Pretória, no dia seguinte ao ataque, dia 24, um porta-voz



Diplomatas e jornalistas visitam as zonas bombardeadas. As «bases do ANC» segundo a propaganda racista, afinal eram simples residências de famílias moçambicanas barbaramente assassinadas.



Conferência de Imprensa com o Ministro da Informação José Luís Cabaco que se vê na foto em cima ladeado à esquerda pelo Ministro da Aviação Civil e Telecomunicações e tendo ao fundo o gravador onde os jornalistas puderam ouvir a mensagem dos aviadores racistas para a torre de controle de Maputo. Esta mensagem propagandística foi enviada após a agressão e não antes como a propaganda boer quis fazer crer. Em baixo o director dos Serviços de Meteorologia demonstra aos jornalistas estrangeiros e nacionais que no sábado o tempo estava excelente ao contrário do que os sul-africanos disseram para argumentar que não atacaram nesse dia porque o tempo estava mau.

das Forças de Defesa sul-africanas continuava a insistir na sua versão de «sucesso» militar e destruição de bases e morte de guerrilheiros.

«O porta-voz de defesa sul-africana considerou que as declarações moçambicanas referentes à morte de seis civis no raid exemplificam o uso de táticas terroristas muito conhecidas», dizia o telex transmitido a partir de Pretória que continuava nestes termos: «As forças de defesa sul-africanas

estão certas de terem sido atingidas as bases do ANC (Congresso Nacional Africano) onde se encontravam os terroristas. As nossas forças estão também na posse de dados fornecidos pelos serviços secretos que indicam terem sido mortos e feridos no decurso da operação um grande número de terroristas».

Referindo-se depois aos testemunhos oculares no local, o mesmo porta-voz sublinhou: «Isolar uma área atingida pelas forças de segurança, esconder os corpos dos terroristas e mostrar civis mortos mortos a jornalistas sensibilizados, constituem truques de propaganda de todas as guerras ocorridas nas últimas duas décadas».

Depois do que se disse no capítulo anterior sobre os jornalistas e os diplomatas e à altura em que chegaram ao local de ataque, quase que não vale a penas acrescentar mais dados para mostrar o falhanço total da propaganda racista sobre o «sucesso militar».

Seria possível em poucos minutos esconderem-se os alegados 60 corpos e todos os vestígios que provocaram essas mortes?

Por outro lado, os serviços secretos sul-africanos estão bem informados. Eles sabem perfeitamente que não havia, nunca houve e não há na Matola ou em qualquer outro ponto do nosso país bases do ANC.

A realidade é que os racistas tinham outros objectivos: queriam destruir vidas e bens moçambicanos e trazerem armas

específicas para esse efeito. Só não o conseguiram na quantidade que o seu rancor nazi desejava porque tiveram pronta resposta das nossas forças.

PARA OS RACISTAS MOÇAMBIQUE NÃO REAGIU MILITARMENTE A AGRESSÃO

Ainda no fim do dia 23 (dia do ataque) e no dia seguinte quando a informação moçambicana divulgava que tinha havido pronta resposta das nossas forças de defesa anti-aérea e das próprias milícias, o chefe de missão da agressão racista, que guardou o anonimato, reiterou as afirmações de Magnus Malan de que não tinha havido nenhuma resposta militar por parte de Moçambique.

Um porta-voz da força anti-aérea moçambicana em entrevista à TVE e outros órgãos de informação em Maputo afirmou que foi precisamente o fogo anti-aéreo que fez desviar os aviões dos alvos pretendidos como sejam a PETROMOC (destilaria de Petróleo) a ponte da Matola e a sub-estação de energia eléctrica da Infulene, onde neste último local acabaram apenas por derrubar com roquetes alguns postes condutores de fios. Na ponte da Matola, que era um dos alvos visados, os mísseis racistas não caíram em cheio no local devido também ao fogo anti-aéreo tendo inclusive um soldado das FPLM sido ferido por estilhaços, vindo a falecer dias depois em consequência dos ferimentos recebidos. Sistemas ópticos existentes na defesa anti-aérea confirmaram, por outro lado, que vários aviões sul-africanos foram atingidos e danificados.

Sobre a nossa resposta militar à agressão o Ministro da Informação José Luís Cabaco em conferência de Imprensa na última sexta-feira afirmou também que não foram utilizados meios anti-aéreos mais importantes porque os sul-africanos escolheram para o ataque a hora exacta em que sabiam que estava para chegar o nosso avião DC-10 vindo da Europa e estava para levantar um Boeing 737 com destino à Beira, precisamente entre as 7.21 e 7.35 minutos. Havemos de nos referir novamente a esta questão quando abordamos a questão da propaganda no capítulo a seguir.

UMA MÁQUINA DE DESINFORMAÇÃO E PROPAGANDA BEM MONTADA

Vimos portanto a falsidade noticiosa do ponto de vista puramente militar, mas, o mais importante foi a máquina de desinformação e propaganda montada pelo regime para fazer crer a todo o mundo a sua versão sobre a agressão a Moçambique.

Os racistas tinham-se preparado muito bem para dar a sua versão dos acontecimentos. A própria declaração de Magnus Malan efectuada às 7.40, muitos poucos minutos após o regresso dos aviões à base aérea de Hoedspruit junto à fronteira com Moçambique, e pelos pormenores que captem, não pode ter sido feita a partir do relatório dos aviadores atacantes, mas foi

documento previamente elaborado para fazer chegar a todo o mundo a versão sul-africana dos acontecimentos.

Outro dado muito importante desta montagem foi que a Televisão sul-africana filmou os aviões que partiram para o ataque à Matola.

Mas continuemos. Na Conferência de Imprensa havida em Pretória na tarde a seguir ao ataque foi entregue à informação sul-africana e internacional uma cassette com a gravação de uma conversa entre um dos aviões atacantes e a torre de controle de Maputo.

Transcrevemos a conversa gravada no original em inglês:

(This is Mike zero one, I have an important message for you. Tell your military HQ that aircraft are conducting operations in your area, are operating against the ANC. We have no quarrel with the Frelimo government and any interference with these aircraft will result in immediate retaliation.)

Maputo tower «Say again. Say first your Cal-Sign»

— This is Mike zero one  
— OK Mike zero one, say again your message»

The pilot then repeated his message and ended with a «you understand».

Segue-se a tradução:

— Aqui é Mike Zero One. Tenho uma importante mensagem para você. Diga ao vosso quartel general militar que aviões estão a conduzir operações na área, estão a operar contra o ANC. Nós não temos nada com o Governo da Frelimo e qualquer interferência contra estes aviões resultará em imediata retaliação.

Torre de controle de Maputo: «Diga outra vez. Diga primeiro o seu sinal de chamada».

— Aqui é Mike Zero One  
— OK, Mike Zero One. Diga outra vez a sua mensagem.

O piloto então repetiu a sua mensagem e acabou com um «você compreende».

Esta mensagem como é óbvio tinha duas intenções. Afirmar a todo o mundo que a operação era com o ANC, «esquecendo-se» que estavam a invadir um país soberano. Por outro lado, o aspecto psicológico interno: recordar um ataque semelhante feito pelos racistas rodésianos a Lusaka durante a guerra de libertação do Zimbábue de modo a mostrar o poderio das suas forças, neste caso sul-africanas.

E o próprio jornal sul-africano «Rand Daily Mail» abre em quase toda a largura da primeira página a notícia da agressão, transcrevendo esta mensagem propagandística de força.

Simplemente acontece que esta mensagem é enviada muitos minutos após o ataque, precisamente às 7.35 horas, conforme foi confirmado no aeroporto de Maputo por jornalistas estrangeiros, entre eles sul-africanos, que ouviram a mensagem no gravador do

aeroporto. Como se sabe este gravador tem acoplado um relógio para confirmar os minutos exactos de tudo o que sucede na torre e nos espaços que ela controla.

O próprio piloto das Linhas Aéreas de Moçambique, comandante Ferreira, que na altura pilotava o avião «Boeing 737 com destino à Beira» confirma ter captado a mensagem às 7.35 horas um minuto depois de ter descolado da pista.

Por conseguinte esta célebre mensagem foi transmitida apenas para efeitos propagandísticos, pois foi feita quando os aviões atacantes já se encontravam fora do território moçambicano.

MAIS MÁSCARAS QUE NÃO TAPAM A CARA

Na ênfase de dar mais credibilidade à sua versão do ataque «contra bases do ANC», o porta-voz do quartel general racista diz aos jornalistas na tal conferência de imprensa em Pretória que as «bases» eram para ser atacadas no sábado dia 21 e só não foi feito porque havia «mau tempo».

Sobre este facto o director dos Serviços de Meteorologia de Maputo afirmou a jornalistas nacionais e estrangeiros mostrando mapas internacionaismente confirmáveis que nesse sábado o tempo estava excelente entre Pretória e Maputo, entre Durban e Xai-Xai.

A intenção de Pretória era outra: encontrar muita gente na rua, fábricas a trabalhar etc.

Quando mais uma vez se apercebe que a informação internacional começava a sobrepor a verdade dos factos às mentiras e atoardas de Pretória, novamente os porta-vozes militares racistas inventam novas versões. Assim afirmam que a fábrica de «Jam» com a respectiva creche metralhada na Matola, era uma base camuflada do ANC e estava ali uma bateria de mísseis moçambicanos a protegê-la e que após o ataque as autoridades moçambicanas mudaram imediatamente a cena para transformar a base numa fábrica.

Não nos vamos alongar mais pois, como dissemos no início deste trabalho foram precisamente jornalistas estrangeiros os primeiros elementos da informação chegar aos locais bombardeados e confirmar não ser verdade nada do que a propaganda sul-africana afirmava.

Nestas breves linhas fica bem evidente a trajectória de uma agressão que tinha apenas por alvo civis moçambicanos e centros económicos com finalidade de nos atemorizar e tentar comprometer as directivas emanadas do 4.º Congresso do Partido Frelimo.

Foi uma derrota para os intentos militaristas dos racistas sul-africanos e para a sua propaganda.

A «Operação Estilhaço» estilhaçou completamente as suas próprias intenções.